

Estratégia econômica

No mesmo dia, com intervalo de poucas horas, os ministros da Fazenda e do Planejamento comentaram a situação econômica do País e lançaram alguma luz sobre orientações futuras. O da Fazenda, Pedro Malan, preferiu acentuar os aspectos positivos da estabilização do Plano Real, quando disse esperar para este mês uma taxa inflacionária abaixo de 1%. O ministro reconheceu que há desemprego e falências, concordatas e redução de atividades de muitas empresas, mas classificou esses resultados negativos de inevitáveis quando se baixa uma inflação de 5.000% ao ano, como era antes do Plano Real.

Cauteloso como sempre, o ministro da Fazenda não gosta de envolver-se em conjecturas e nem se compraz em antecipar medidas do Governo no setor da política econômica. No conjunto de suas declarações sobre temas do momento — Banco Econômico, indústria automobilística, questão das tarifas públicas, Banespa e outros — Malan mostrou-se um otimista moderado, desses que acreditam no diálogo, no trabalho e na paciência como forma de resolver problemas.

Mais direto, objetivo e até polêmico, como é do seu estilo, o senador José Serra, ministro do Planejamento, não se preocupa com a imagem de “durão” ou de antipático. A sua fala foi bem franca em direção a seus colegas de Congresso Nacional: “Se não ganhar, não gasto. Déficit o Governo

não vai fazer. Quem é contra as reformas que corte as despesas previstas no Orçamento”.

Responsável pela elaboração e execução posterior do Orçamento da União e pelo Plano Plurianual de Investimentos do Governo, no período 1996-99, o ministro do Planejamento é intransigente na questão da paridade entre receita-despesa, matéria que muitos políticos do Congresso, preocupados com as eleições municipais do ano que vem e com suas próprias reeleições daqui a três anos, tendem a esquentar ou a minimizar.

Num país que não tem o hábito nem de cultivar o orçamento doméstico, quanto mais o público, o ministro José Serra não encontra muita simpatia para suas atitudes de cortes de aplicações do Orçamento da União. Enquanto nos EUA e na Europa, de modo geral, o cidadão comum aplaude o ministro cortador de gastos, no Brasil é o inverso: o cortador é o “mau” e o gastador é o “bom”.

O que há de comum na fala dos dois ministros é a sintonia de ambos com um projeto econômico de visão estratégica, de mais longo curso do que os problemas imediatos do dia a dia. Se todo esse esforço for acompanhado da boa vontade da opinião pública e do Legislativo, sem dúvida o Brasil fechará a década e o século com uma realidade econômica, social e orçamentária bem superior à que FHC encontrou ao chegar ao poder.